



**SEGUNDO DOMINGO DEPOIS DA EPIFANIA
(18/01/2004)**

1ª leitura (Antigo Testamento) - Isaías 62.1-5

Na terceira parte do livro do Profeta Isaías (56-66) os exilados já estão de volta na sua terra. Esta gente que retorna percebe que, após mais de quarenta anos, as injustiças que os levaram ao cativeiro ainda existem. Eles não se acomodam diante da injustiça mas, ao contrário, o amor e a saudade que alimentaram durante os anos do cativeiro os fazem ficar possuídos por uma santa indignação: *"Por amor, de Sião, não me calarei e, por amor de Jerusalém, não me aquietarei, até que saía a sua justiça como um resplendor, e a sua salvação, como uma tocha acesa"* (62,1).

Até agora as injustiças praticadas pelas elites do povo tinham levado a sua humilhação diante dos outros povos, algo que é totalmente inaceitável como opção futura para a comunidade de Trito Isaías. A justiça praticada dentro de novo Israel será como uma luz iluminando todos os povos e uma verdadeira glorificação de Deus! (62:2a).

Tal será a transformação de Jerusalém (se comparada com o passado de injustiça) que ela receberá *"um nome novo"* (62:2b). Na antigüidade o "nome" era muito mais que uma forma de se referir a alguém ou algum lugar. Nome era a expressão da própria essência do ser. Lembrem da pergunta de Moisés para Deus: *"quando eu (...) lhes dizer: o Deus de vossos pais me enviou a vós outros; e eles me perguntarem: Qual é o seu nome? Que lhes dizer?"* (Êx 3:13b). Com isso Moisés sinalizava que tratava-se de uma nova revelação e por isso não eram suficientes os nomes anteriores de Deus mas um novo nome. Da mesma forma, a nova Jerusalém (e Sião) como sinal de uma nova justiça deve ter um novo nome. Nunca mais receberá Jerusalém nomes como *"desamparada"*; *"desolada"* e sim nomes que expressem o novo sentido da sua existência (*"minha delícia"* e *"desposada"*; 62: 4b-5).

Enfim, este texto do Trito-Isaías chama a atenção para a atitude que tomamos diante das injustiças. Temos amor suficiente para reagir e buscar o novo nome que Deus dará para tudo e para todos através do nome de Nosso Senhor Jesus Cristo ou temos pouco amor a ponto de ficarmos calados e quietos? (Humberto Maiztegui Gonçalves)

2ª leitura (Epístola) - I Coríntios 12.1-11

"Não quero que sejais ignorantes...". Há muita coisa que as pessoas não sabem sobre a Igreja. Muitos não estão certos acerca de sua origem e dos



principais faros de seu nascimento. Alguns não estão muito convictos de suas principais doutrinas e de sua missão. Mas o importante é não perder de vista que, pela graça de Deus, fazemos parte dela.

No texto que lemos Paulo procura ensinar a igreja em Corinto sobre o verdadeiro espaço que os carismas ou os dons de Deus devem ocupar em nossas vidas. Aquela era uma igreja que valorizava tanto os carismas ditos “espetaculares” que as próprias pessoas eram valorizadas em função dos carismas que tinham ou que não tinham. Aquela igreja, além dos enormes defeitos que tinha, era extremamente ignorante quanto aos dons de Deus. Paulo querendo amenizar este problema, neste texto da epístola diz muito claramente: “não quero que sejais ignorantes”. A ignorância (no grego “agnoein” de “sem conhecimento”) nos impede de desenvolver nossas possibilidades e de ver, na capacidade dos outros, a interação que Deus nos propõe.

Pensando nisso propomos o desejo de Paulo como o tema de nossa reflexão hoje: *Não quero que sejais ignorantes*. Segundo o texto que lemos há pelo menos três verdades acerca das quais Paulo ao queria que fôssemos ignorantes.

Em primeiro lugar, Paulo deseja que não ignoremos que *os dons são diversos* (v.4).

De fato no texto que lemos aparecem três estrofes paralelas como se estivéssemos diante de uma música. Para Paulo, há diversidade de dons (karismatos), de serviços (diakonion) e de realizações (energematón). Mas o Espírito, o Senhor e Deus é o mesmo. Parece que Paulo está fazendo um referência proposital à trindade e à sua ação por nós e na comunidade. O que Paulo quer dizer nos lembra que “todo dom gratuito, e toda boa dádiva vem de Deus, o Pai das luzes”. Tudo o que temos, todas as nossas potencialidades, cada uma das nossas capacidades, nada mais é do que uma dádiva de Deus. Nada do que temos ou podemos vem de nós mesmos, mas de sua maravilhosa graça.

Em segundo lugar, Paulo deseja que não ignoremos que os dons são para todos. (v. 6, 11) Enquanto o verso 6 nos diz que Deus é aquele que opera tudo “em todos”, o verso 11 nos ensina que ele distribui os dons como lhe apraz, a cada um, individualmente. Isto significa que não há ninguém sem pelo menos um dom na comunidade. Cada pessoa pode encontrar seu espaço e seu lugar na comunidade. Ninguém pode se queixar de não ter recebido de Deus pelo menos um dom para ser exercido na comunidade dos fiéis. Ninguém está de mãos vazias. A todos o Senhor deu talentos e cabe a nós investi-los no crescimento do Reino.

Em terceiro lugar, Paulo deseja que não ignoremos que os dons são para um fim proveitoso. (v.7) O verso sete nos diz que os dons são dados à



comunidade "visando um fim proveitoso". Pelo que está escrito podemos afirmar que há um "fim", uma "finalidade", uma "razão", um "porque". Os dons não são dados de forma aleatória ou fortuita. Eles não são distribuídos de qualquer forma ou usando qualquer critério. Diz o texto que este fim deve ser "proveitoso". Os dons não são distribuídos para aumentar meu *status* espiritual na igreja ou para que eu tenha sucesso. Eles não existem para o "meu" bem, mas para o bem do outro. Para o bem da comunidade. Para o bem do Reino.

Muitos daqueles que descobrem seus dons na comunidade acabam se envolvendo mais com ela. Será que uma das razões de termos tão poucas pessoas envolvidas na comunidade é a ignorância acerca dos seus dons? Se esta for uma das razões então, a partir de hoje, esta realidade precisa mudar. (Jorge Aquino)

Santo Evangelho - João 2.1-11

O 4º evangelho é tão peculiar, se comparado aos sinóticos, que exige uma diferente abordagem interpretativa. O ministério de Jesus é narrado em outra seqüência; ele faz três viagens a Jerusalém (diferente dos sinóticos, que só conhecem a viagem que culminou em sua paixão), longos discursos não encontrados nos outros sinóticos, além de narrativas que só o 4º evangelista registra (a conversa com a samaritana, a ressurreição de Lázaro, etc). Dentre essas narrativas peculiares ao evangelho de João, destaca-se a primeira aparição pública de Jesus, numa festa de casamento. Este episódio marca a inauguração do ministério de Jesus na tradição joaniana, correspondendo ao episódio do início de seu ministério na sinagoga de Nazaré, da tradição lucana. Vale observar que, contrariamente aos sinóticos, que declaram que, depois do batismo, Jesus se retirou para o deserto para ser tentado, o 4º Evangelho nos diz que, três dias depois desse batismo, Cristo participou de um casamento em Caná (episódio desconhecido nos sinóticos) e o primeiro sinal de sua missão acontece numa situação socialmente embaraçosa. - faltou vinho na festa.

Na verdade, cada evangelho é fruto de uma comunidade diferente que organizou a partir de sua situação específica as memórias da atuação de Jesus. A comunidade joanina abre o relato da atuação de Jesus de um modo genial. Tudo começa com uma grande festa de casamento. Em Mt 22.2, Jesus compara o Reino dos céus a uma festa de casamento. O casamento, para os judeus, é um símbolo da aliança entre Deus e o povo (ver Oséias, Cantares, etc).

2.1 – Caná (alguns intérpretes supõem que talvez o nome Caná esteja relacionado com o verbo hebraico qanah – "adquirir, criar" e tenha sido escolhido por João para aludir ao povo adquirido e criado por Deus).



2.3 - As festas de casamento na época, duravam dias, e eram grandes acontecimentos sociais. A festa é lugar de comida, bebida, flores beleza, e acima, de tudo, alegria. Nas festas da Palestina, especialmente nas judaicas, o vinho era fundamental. Quando o vinho acabava, também a festa acabava. Enquanto havia vinho, a festa prosseguia. Mas aquela festa estava ameaçada de terminar porque o vinho estava acabando.

2.4 - “Que tenho eu contigo?” – expressão idiomática que significa “que nos importa?” – Jesus está dizendo que a velha aliança caducou e não será revitalizada; “a minha hora ainda não chegou...” a “sua hora” se refere à realização escatológica (comparar com 4.21,23 e 5.25-28)

2.6 – seis talhas – o número seis é cifra do incompleto, por oposição ao sete, que indica a totalidade. Aquelas talhas de pedra eram usadas “para purificação” (os ritos de lavagem e assepsia judaicos) e são figura da Lei (tábuas de pedra). Embora destinadas a conter água para purificação, estavam vazias. As tábuas da Lei também eram de pedra. A promessa em Ez 36.26 é “tirar do peito o coração de pedra e dar um coração de carne”. A ênfase joanina é que a antiga Lei já não tem poder para purificar.

2.7 – “enchei as talhas” – As talhas do rito de purificação do judaísmo estavam vazias. Fazendo encher de água as talhas, Jesus revela sua vontade de purificar (restabelecer a relação com Deus), o que a antiga instituição não conseguira fazer.

2.8-9 - A novidade do vinho aparece a partir da caducidade e inutilidade das talhas. Foram usadas e não rejeitadas. Houve transformação da água em vinho, o novo ocorre dentro do antigo. Vinho é sinal de um tempo novo, de alegria e descontração. A abundância de vinho é símbolo da chegada jubilosa do novo tempo de Deus (Am 9.13; Joel 3.18)

2.10 – O mestre de cerimônias se surpreende com a qualidade do vinho, muito superior ao que fora primeiramente servido. Novamente, o evangelista destaca a qualidade infinitamente superior da nova aliança em relação à antiga.

2.11 – Trata-se do primeiro sinal, um sinal programático que apresenta o objetivo da missão de Jesus no âmbito de Israel, com o motivo teológico da substituição da aliança. Jesus substituirá a antiga aliança baseada na Lei, pela nova baseada no Espírito. O sinal de Caná apresenta o programa de toda a vida de Jesus – substituição da velha aliança pela nova, o que o evangelista destacará nos episódios seguintes - substituição do templo (2.13-22), da Lei (3.1-15), dos mediadores da antiga aliança (3.22 a 4.3) e do culto ritual (4.4-42). O evangelista destaca ainda que “os seus discípulos creram nele”. Apesar da relevância desse gesto, poucos perceberam o sinal da ação de Deus, que é garantir a continuidade da festa, com um vinho melhor.



A teologia ensina que Deus nos criou e criou o mundo para desfrutarmos de sua companhia e nos alegrarmos nele. Ou seja, Deus nos criou para uma grande festa, um grande banquete. Infelizmente, porém, o ser humano conseguiu, ao longo da história, transformar a festa em tragédia. Criamos sistemas religiosos bem elaborados para restituir a alegria do relacionamento com Deus, mas esse relacionamento não se restituir simplesmente com a observação de atos externos. Observe que a água mencionada no texto era para as lavagens de purificação, ou seja, para uso externo (lavar as mãos, os pés, etc). O vinho, porém, não é para ser usado externamente, mas para ser ingerido. O evangelista está ensinando que a continuidade da festa (o relacionamento com Deus) só será possível se algo novo acontecer em nosso interior (o mesmo tema será reforçado no diálogo com Nicodemos e com a samaritana). A ação de Jesus é transformar o velho em novo, a água em vinho. O novo surge de dentro e a partir do velho. (Carlos Eduardo Calvani)